

O SURGIMENTO DO COMÉRCIO MEDIEVAL XI INIC / VII EPG - UNIVAP 2007

Sueli Pereira Lacerda¹, Marco Antonio Villarta Neder²

¹ UNIVAP/IP&D, Mestrado em PLUR .Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova- 12244-000 S.J.Campos-SP – sp-lacerda@bol.com.br

² UNIVAP/IP&D, Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova- 12244-000 S.J.Campos-SP – marcovillarta@yahoo.com.br

Resumo No transcurso da história e na evolução das técnicas e as transformações da divisão social do trabalho nos agrupa cada vez mais nessas impressionantes formas de habitar/existir que podem reunir milhões de indivíduos das mais diferentes origens e culturas. Remontamos ao passado, quando o comércio entendendo como uma função urbana no qual as mercadorias são trocadas, tem sua origem ligada à própria história da humanidade. Ele surgiu e se desenvolveu a partir do momento que passou a existir um excedente, fruto do desenvolvimento das forças produtivas, que levou ao sistema de trocas. O aumento da produção na Idade Média, deveu-se à maior utilização de mão-de-obra, consequência de um número maior de pessoas trabalhando e assim, aumentando o produto total. Desta maneira acredita-se a causa da origem do comércio local medieval e das grandes feiras da planície da Champanha. Enfim, esse trabalho tem por objetivo traçar algumas considerações sobre o contexto no filme O Carrasco e o significado da criação das feiras-livres e o comércio local, enfocando a questão da expansão da informalidade e do uso coletivo dos espaços públicos.

Palavras-chave: Excedente de produção, Expansão da informalidade, Feiras-livres, Comércio local
Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

O presente artigo tem por objetivo, traçar algumas considerações sobre o contexto no filme O Carrasco, e o significado da criação das feiras-livres e o comércio local, enfocando a questão da expansão da informalidade e do uso coletivo dos espaços públicos.

Considerando –se as enormes lacunas documentais que o tema apresenta, acreditamos que o presente artigo se reveste do mérito de lançar breves olhares sobre zonas até então pouco iluminadas pela pesquisa acadêmica.

Matérias e Métodos

As análises serão estabelecidas e estarão apoiadas, no filme O Carrasco, direção Simon Aeby, época de Martinho Lutero, na cidade de Tyrol, Áustria, onde esse fenômeno da informalidade urbana se expressa bem, e na análise dos autores J.C MAGNANI e MICHEL DE CERTEAU.

Cabe ressaltar que este artigo faz parte das exigências da disciplina: Planejamento e (outros) sentidos da cidade, do Mestrado em Planejamento Urbano e Regional-UNIVAP.

Resultados

Na história das trocas o comércio ambulante foi a primeira forma de trocar os produtos. Neste tipo de comércio, o espaço presente no contexto urbano é ocupado por pessoas que se deslocam das áreas rurais e por trabalhadores urbanos, que redefine espaços, projeta e monta seus equipamentos.

Dessa maneira, o uso e a forma de apropriação do espaço pela sociedade através do dinamismo humano, revela, anseios, temores e rejeições.

Neste sentido, os espaços são selecionados, organizados, reorganizados e transformados.

Assim sendo, o ambiente urbano não é apenas a imagem da cidade, ela é a expressão das relações sócio-culturais aí presentes.

Com o surgimento destes espaços -feiras livres- transformou o urbano, mudou as configurações das cidades alterando o universo complexo e global dos seres que o utilizam.

Discussão

Remontamos ao passado, até o século XI, a produção agrícola atendia modestamente às necessidades da população européia. As técnicas e os instrumentos utilizados na agricultura eram simples e primitivos.

A partir do século XI, melhoraram consideravelmente as condições gerais do mundo

rural, e aperfeiçoaram-se técnicas que aumentaram a produtividade. Neste cenário de expansão, houve crescimento demográfico por toda a Europa, sendo que, como havia abundância de terras, uma população maior pôde ser alimentada. Essa população aumentada produzia bem mais alimentos do que necessitava, e o excedente pôde ser usado para alimentar a crescente população urbana que liberada do trabalho agrícola, tornou-se capaz de produzir bens de consumo, principalmente tecidos, trocando-se por alimentos um maior número de pessoas nas cidades podia abandonar a agricultura e dedicar-se inteiramente à produção de consumo. O comércio ganhou significativo impulso com a melhoria dos meios de transporte, o desenvolvimento do artesanato urbano e o maior contato com os povos orientais, além disto, no decorrer dos séculos XI houve a reabertura dos portos europeus através do mar Mediterrâneo, antes sob o controle dos árabes, possibilitando o comércio de produtos raros e exóticos.

Além do comércio local, desenvolveram-se grandes rotas comerciais internacionais, a rota comercial do norte e a rota comercial do sul, realizada principalmente através do mar mediterrâneo, tendo como portos mais importantes os de Barcelona, Marselha, Gênova, Veneza, Tunis, Trípoli e Constantinopla.

No mar do Norte e no Báltico, os navios corriam de um ponto a outro para apanhar peixe, madeira, peles, couros e peles e etc. Um dos centros desse comércio nos mares do Norte era a cidade de Bruges, em Flandres, e ao Sul, Veneza.

E assim constituía o elo, na planície de Champanha, era o centro comercial dessas rotas de comércio, aos poucos, numa série de cidades, onde se estabelecem as famosas e grandes feiras, sendo as mais importantes em Lagny, Provins, Bar-sur-Aube e Troyes, que, até ao fim do séc XIII, desempenharam, na Europa medieval, o papel de bolsa e de *clearing house*.

Os mercadores dirigiam-se para elas, porque estavam situadas na grande via de trânsito, e porque os príncipes territoriais dotava de franquias e privilégios. Essas feiras, eram pontos de reunião e lugares de troca, onde se encontravam mercadores e vendedores, algumas feiras fixaram-se no local, onde continuou um aglomerado mercantil, assegurando o desenvolvimento da cidade. Foi assim, por exemplo, com Lille, Ipres e Troyes, etc.

Foi, portanto, desta maneira, o comércio a longa distancia, que foi a característica do renascimento econômico da Idade média, essas travessias de longo curso, era para os mercadores o único meio de realizar altos lucros, era necessários ir procurar longe os produtos que aí se encontravam com abundância, a fim de, em seguida os poderem revender com lucro, tais

como especiarias, perfumes, jóias e sedas, muito procurados em tal época.

Estes produtos começaram a ser vendidos nas feiras que surgiam nas cidades que renasciam. Essas novas cidades foram chamadas *burgos*, em virtudes de seus muros fortificados, os seus habitantes tornaram-se os *burgueses*, termo que posteriormente se aplicou somente aos comerciantes enriquecidos com sua prática.

É importante observar a diferença entre os mercados locais semanais dos primeiros tempos da Idade Média e essas grandes feiras do século XII ao XV. Os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em sua maioria agrícolas.

As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam.

As mercadorias estrangeiras vindas do Oriente e Ocidente, Norte e Sul.

Com o decorrer do tempo, as formas de se comercializar sofreram varias transformações, da troca de uma mercadoria por outra, denominada economia de escambo, passando para moeda corrente, hoje com a modernidade, são feitos através de cartões de créditos e *tickets*, dessa forma esse novo serviço, amplia o leque de pagamentos e oferece comodidade e segurança para consumidores e feirantes. Esse fenômeno da informalidade urbana se expressa bem no filme O carrasco, direção Simon Aeby, época de Martinho Lutero, na cidade de Tyrol, Áustria. O filme que se passa no século 16, durante uma época turbulenta, violenta e intolerante, principalmente por parte da milionária igreja católica da época, ele mostra as manifestações sociais, econômicas, religiosas e políticas, vivenciados durante este período, onde todas as atividades do cotidiano urbano era vivenciados no adro da igreja, pois era neste espaço e nesse ambiente o maior fluxo de pessoas e conseqüentemente, a maior possibilidades de vendas e concomitantemente se obtinham notícias do que se passava pelo mundo, dos resultados das colheitas e de tantos outros assuntos que, então como hoje, são a base do cavaquear do povo. Neste certame, foram negociados cereais, vinhos, azeite, almoinhas, frutos, aves, caça, peixe, vestes, linho e metais, entre outros produtos, não faltando também as tendas do ferrador, do alfaiate, do carpinteiro, do barbeiro, entre outros artífices, assim como os apregoadores de tremoços e limonadas, bastava o comerciante abrir as venezianas de sua casa para transformá-la numa banca de mercadorias. É neste mesmo local que a igreja católica impunha seu dogma, e nem sempre a fé popular

manifestava-se nos termos pretendidos pela doutrina católica. Havia uma série de crenças e ações, denominadas heresias, que se chocavam com a fé cristã. Para combatê-las, eram chamados os tribunais da inquisição, cuja missão era descobrir e julgar os heréticos. Os condenados pelos tribunais eram entregues às autoridades do Estado, que se encarregavam de executar as sentenças, que podiam ser desde a confiscação de bens até a morte por fogueira. Entretanto, essas execuções eram feitas no adro da igreja, uma forma de mostrar o seu domínio e garantir a unidade da fé católica.

A Igreja Católica exerceu uma influência marcante sobre a população medieval, ultrapassando em muito sua função religiosa e espiritual. Sua ação manifestava-se nos setores assistencial, pedagógico, econômico, político e mental, tornando-se o principal centro irradiador de cultura da Idade Média.

Para Max Weber citado por Magnani, ele ressalta “o caráter da racionalidade presente na cidade medieval do Ocidente, com base na comunidade – associação local, militar e politicamente autônoma em face do senhor feudal.”. Desta maneira, para ele, com essas novas transformações e surgimento dessa nova classe de mercadores e artesões, e o rompimento com os laços, tabus e religião, deu-se condições para o nascimento do capitalismo. Desta forma, o capitalismo é um sistema de mercado iniciado na Europa, com a decadência do Feudalismo, criaram-se centros de comércio, onde reativado pelas cruzadas, a Europa passou por um intenso desenvolvimento urbano e comercial. A partir da segunda metade do século XVIII, com a Revolução Industrial, inicia-se um processo coletivo em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. Enfim, todo esse processo levou ao crescimento das cidades, “...planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (CERTEAU, 2003).

As cidades, além de serem evidências tangíveis da sociedade, constituem uma realização do trabalho social acumulado, ou seja, elas representam expressões materiais do modo de vida e de produção da sociedade. A cidade é um imbricado histórico, sua lógica espacial constitui uma totalidade de relações (culturais, políticas, econômicas e sociais), na qual a parte preponderante ou dominante dessas relações pode influir na determinação de suas características estruturais. Assim sendo, temos que constatar que no discurso, a cidade serve de baliza para as estratégias políticas e econômicas, a cidade se torna o tema dominante das estruturas do poder,...”A linguagem do poder se urbaniza, mas a cidade se vê entregue a movimentos

contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico.” CERTEAU. 2003.

Neste sentido, as relações espacializadas ou espaciais articulam-se como atributos e com atributos de outros lugares, e seus espaços de produção passam a ser limites ou momentos do processo produtivo, onde interagem relações específicas e modos de produção que estruturam e definem sua forma.

Conclusão

Sendo uma atividade em plena expansão, observa-se a importância das feiras-livres e o mercado local em suas regiões, porque, em verdade, aumentaria o fluxo de recursos para aquele ambiente, como da mesma forma se negociariam os da própria localidade. O filme O Carrasco nos apresenta de uma forma bem nítida essa movimentação em torno do adro da igreja.

Agradecimento

Agradeço aos professores, Marco Antonio Villarta Neder, Maria Aparecida C.R. Papali, Maria José Acedo Del Omo, que com seus conhecimentos forneceram as orientações e indicações de leitura e filme para a elaboração deste trabalho.

Referências

- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 11ª edição. Editora Vozes, 2003.
- HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21ª edição revista. LTC. Rio de Janeiro-RJ. 1986.
- O CARRASCO. Produção de Simon Aeby. .EUA. Distribuidora Flashstar Home Vídeo. 2005. DVD (106 minutos). Dolby Digital 5.1 e 2.0, color. Legendado. Português
- PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Publicações Europa-América. 3ª ed., 1973.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 10ª ed. –São Paulo: Contexto, 2000.

